CAMARA MUNICIPAL DE SAO PAULO

ASSESSORIA TECNICA DA MESA - A.T.M.

SISTEMA DE APOIO AO PROCESSO LEGISLATIVO

PROJETO DE LEI : 01-0910/1997 DE 1997

MATERIA LEGISLATIVA: PL 01-0910/1997 DE 30/09/97

PROMOVENTE: VEREADOR CARLOS NEDER

E M E N T A:

DA DENOMINAÇÃO AO CENTRO DE REFERÊNCIA DE DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSIVEIS E AIDS - CRDST/AIDS DE SAPOPEMBA, E DA OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

O B S E R V A C O E S: DELIBERAÇÃO

Lei nº 12.760/98

CNC Solutions
Tipo: Processo Legislativo
28/10/2010 10:09:49
00000015461-04

ARQUIVADO EM 05/01/99

SECRETARIA DE SESSÕES

0213

280

Folha nº 01 de proc.
nº 910 de 1997

Câmara Municipal de São Paulo

LIDO HOJE
ÀS COMISSÕES DE 30 SET 1997
CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA;
EDUCAÇÃO, CULTURA E ESPORTE;
FINANÇAS E ORÇAMENTO.

PRESIDENTE

PROJETO DE LEI Nº ~~01 - PL~~ 01-0910/1997

Dá denominação ao Centro de Referência de Doenças Sexualmente Transmissíveis e AIDS - CRDST/AIDS de Sapopemba.

A Câmara Municipal de São Paulo decreta:

Art. 1º - Passa a denominar-se "Herbert de Souza - Betinho" o Centro de Referência de Doenças Sexualmente Transmissíveis e AIDS -CRDST/AIDS de Sapopemba.

Art. 2º - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

30

Sala das Sessões, em ~~24~~ de setembro de 1997.

CARLOS NEDER
Vereador - PT

SEÇÃO DE REVISÃO
30 SET 1997
- DT. 10 -

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

SEGUE(M) juntado(s) nesta data (s) rubricado(s) sob n.º 2 a 19 e (s) anexado sob n.º 20 / 03 / 10 / 97 a (

Folha nº 02 do proc
nº 910 de 1997

JUSTIFICATIVA

Herbert de Souza, conhecido simplesmente como Betinho, sociólogo e hemofílico, morreu vítima da AIDS, que contraiu em sucessivas transfusões de sangue.

Desde cedo, através da militância em grupos católicos, buscou atuar em prol da questão social, tendo sido por isso exilado durante os tempos do regime militar.

Retornando do exílio em 1979, assumiu Betinho papel fundamental na defesa e busca da cidadania, questão esta que defendeu acima de ideologias político-partidárias.

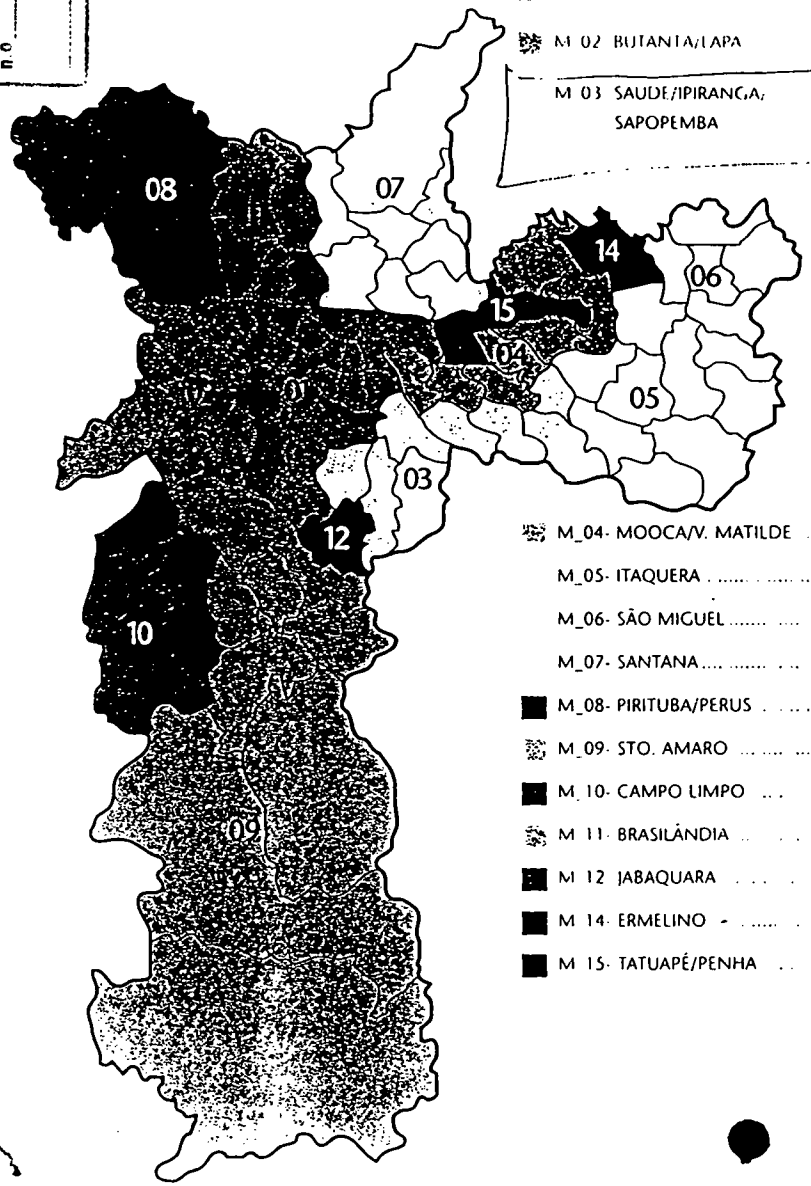
Foi ele o idealizador da Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida, popularmente conhecida como a "Campanha do Betinho contra a Fome".

Tornou-se um ícone no cenário nacional pela sua luta na defesa dos excluídos e pela justiça social, mostrando a cidadãos e autoridades que é possível para qualquer pessoa fazer algo no sentido de melhorar as condições de vida da população.

Pelo reconhecimento público que Betinho alcançou em virtude de suas ações, dispensa-se maiores justificativas para a homenagem que ora pretendemos fazer emprestando seu nome a um equipamento público de saúde, que tanta relação tem com sua vida e morte, motivo pelo qual cremos na unânime aprovação da presente pelos nobres Membros desta Casa de leis.

Folha nº 03 do proc nº 910 de 1997

MODULOS DE ATENDIMENTO A SAUDE



POPULAÇÃO 1996

M_01 CENTRO	1.048.823
M_02 BUTANTA/LAPA	822.771
M_03 SAUDE/IPIRANGA/ SAPOPEMBA	1.196.935
M_04- MOOCA/V. MATILDE	781.703
M_05- ITAQUERA	1.197.941
M_06- SÃO MIGUEL	686.882
M_07- SANTANA	905.874
M_08- PIRITUBA/PERUS	412.106
M_09- STO. AMARO	1.015.656
M_10- CAMPO LIMPO	831.901
M_11- BRASILÂNDIA	679.709
M_12 JABAQUARA	218.523
M_14- ERMELINO	214.930
M_15- TATUAPÉ/PENHA	207.029

CENTRO

• CENTRO DE REF. EM SAÚDE DO TRABALHADOR "ANDRÉ GRABOIS"
R. Frederico Alvarenga, 259 - 5º andar
Parque Dom Pedro
Tel.: 605-2742

• CENTRO DE ORIENTAÇÃO E ACONSELHAMENTO EM DST/AIDS - HENFIL
R. Líbero Badaró, 144 - Centro
Tel.: 239-2224

• CRDST/AIDS CAMPOS ELÍSEOS
Al. Cleveland, 374 - Campos Elíseos
Tel.: 222-3066

• CENTRO DE REFERÊNCIA EM FARMACODEPENDÊNCIA
R. Frederico Alvarenga, 259 - 5º andar
Parque D. Pedro II
Tel.: 605-2645

BUTANTÃ/LAPA E REGIÃO

• CENTRO DE REF. EM SAÚDE DO TRABALHADOR DA LAPA
R. Scipião, 40 - Vila Romana
Tel.: 62-8017

• COA - CENTRO DE ORIENTAÇÃO E ACONSELHAMENTO EM DST/AIDS DA LAPA
R. Cerro Corá, 309 - Vila Ipojuca
Tel.: 62-0792

• COA - CENTRO DE ORIENTAÇÃO E ACONSELHAMENTO EM DST/AIDS DO BUTANTÃ
(em processo de instalação)

• LABORATÓRIO DE SAÚDE PUBLICA DST/AIDS DO BROOKLIN
R. Barão de Jaceguai, 175 - Campo Belo
Tel.: 533-3422

SAÚDE/IPIRANGA/SAPOPEMBA

• CRDST/AIDS DR ALEXANDRE SAHI YAZBEK "JABAQUARA"
Av. Ceci, 2235 - Planalto Paulista
Tel.: 276-9219

• AMBULATÓRIO DE ESPECIALIDADES DE SAPOPEMBA
R. João Lopes de Lima, 1 - Jd. Sapopemba
Tel.: 962-3480

• CRDST/AIDS DR. JOSÉ FRANCISCO DE ARAÚJO
R. Vicente da Costa, 289 - Ipiranga
Tel.: 273-4592

• CENTRO DE REF. EM SAUDE DO TRABALHADOR JARDIM GRIMALDI
Rua Pedro de Castro Velho, 523 - Vila Iara
Tel.: 216-8076

• CENTRO DE REF. EM FARMACODEPENDÊNCIA DE V. MADALENA
R. Iacape, 302 - Pq. S. Madalena
Tel.: 6919-4138

• CRDST/AIDS VILA PRUDENTE
Pça. Veiga Cabral, 82 - Vila Prudente
Tel.: 272-0462

• LAB. DE SAÚDE PÚBLICA DST/AIDS - VILA PRUDENTE
Pça. Veiga Cabral, 82 - V. Prudente
Tel.: 273-1665

• CRDST/AIDS - SAPOPEMBA
Av. Arq. Vilanova Artigas, 1700
Jardim Sapopemba
Tel.: 962-3341

MOOCA/ V. MATILDE E REGIÃO

• CENTRO DE REF. EM SAÚDE DO TRABALHADOR DA MOOCA
Av. Paes de Barros, 872 - Mooca
Tel.: 291-0520

• CENTRO DE REF. INFANTIL
R. Jarinu, 730 - Tatuapé
Tel.: 291-3833

• CRDST/AIDS VILA GUARANI
R. Teresinha, 123 - Vila Guarani
Tel.: 216-1869

• CRDST/AIDS VILA FIDELIS RIBEIRO
R. Peixoto, 100 - Vila Buenos Aires
Tel.: 943-7518

Fls. nº 04 da proc
920 97

Cara a cara



FOTOS NELIO RODRIGUES

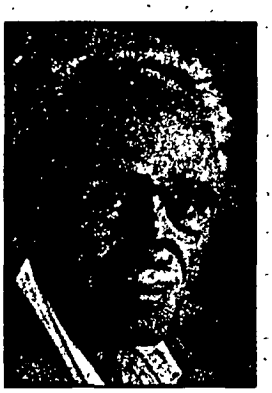
Em 1993 Herbert de Souza soube captar a imaginação de todo um país carente de cidadania

Folha nº 05
nº 910 de 1997

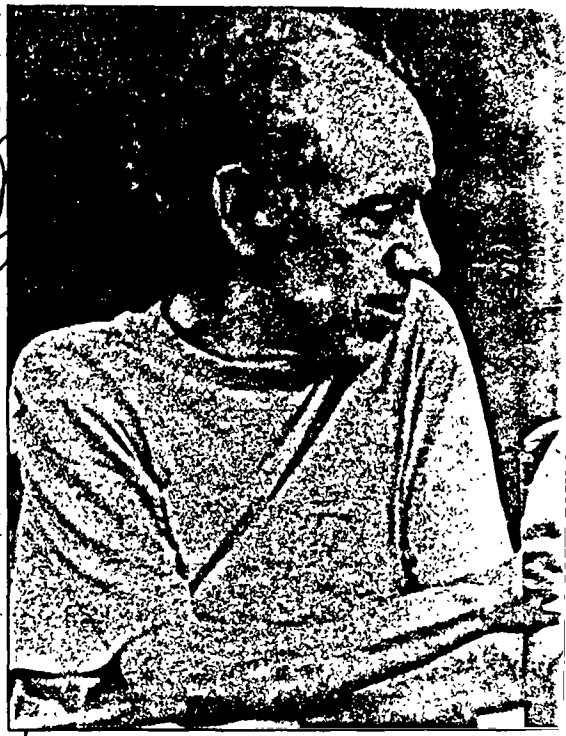
com o Brasil



Betinho não foi eleito por ninguém. Mas poderia ser o sujeito oculto da pesquisa "83% dos brasileiros acreditam que o Brasil é um país viável", divulgada no final de novembro pelo DataFolha. Sobrevivente teimoso de um formidável elenco de fatalidades pessoais, ele espelha, de certa forma, a tenacidade com que o brasileiro comum vai vivendo a vida, pancada após pancada. Quis a História que Betinho, com a leveza de quem pesa 47 quilos de frente e de perfil, partisse para despertar um Brasil solidário no mesmo ano em que os pesos pesados da rapinagem da cidadania começaram a ter expostas as suas práticas. Neste final de 1993 a indignação do Brasil que se indigna não tem mais o colorido descompromissado dos caras-pintadas de um ano atrás. É um país mais ferido que se encontra na Campanha contra a Miséria comandada por Betinho.



esculhambação morrer de problemas gástricos, e não de doença relacionada à Aids. Betinho reapareceu na vida duas semanas depois, com ar maroto. Completou 58 anos em novembro. "O segundo pedido pode ser pessoal?", indagou à roda de amigos na festa de aniversário, quando alguém atou uma fitinha de Nosso Senhor do Bonfim em seu punho esquerdo. Gargalhada geral. A qual outro brasileiro ocorreria *não* fazer pedidos pessoais a Nosso Senhor do Bonfim? "Sempre digo, Betinho é o primeiro santo ímpio brasileiro", avisa o ex-seminarista e amigo de infância Humberto Pereira, inspirador do personagem Cumprido da série *Fradinhos* criada pelo cartunista Henfil.



Betinho e Maria Nakano conheceram-se na clandestinidade como "Wilson" e "Marli". "É a pessoa da minha vida"

Betinho e a História do Brasil são vasos comunicantes. Nascido no ano da intentona comunista, sua parentela política por parte de mãe vai do primo José Maria Alkmin a João e Guilherme Figueiredo. Muito antes de saber o que era uma ditadura, foi tratado da tuberculose pelo tisiologista Sílvio Fleury, primo do notório delegado modelo da repressão dos anos 70, Sérgio Paranhos Fleury. Passam por Betinho, também e sobretudo, os principais veios da esquerda cristã brasileira dos últimos quarenta anos: descobriu a efervescência de repensar o social na Juventude Estudantil Católica, JEC, mineira, aprofundou sua militância na Juventude Universitária Católica, JUC, e aos 27 anos foi um dos fundadores da lendária Ação Popular, AP, que seria triturada pela máquina da ditadura. Dessa mesma fornalha ideológica saiu um leque sortido: José Serra, com quem compartilhou o exílio no Chile, tornou-se a figura de peso do PSDB; o mineiro Paulo Haddad, a quem Betinho confiaria sem pestanejar um talão de cheque assinado, ao portador, foi o segundo dos quatro ministros da Fazenda de Itamar Franco; José Paulo Sepúlveda Pertence chegou a ministro do Supremo Tribunal Federal e acaba de votar contra o recurso de Fernando Collor, mantendo-o inelegível até o ano 2000. A lista é longa. "Mas é Betinho a grande figura de nossa geração", observa Haddad.



Festa dos 80 anos de dona Maria, com todos os filhos, em abril de 1986. Um ano depois Chico Mário (1) e Henfil (2) haviam morrido de Aids. A irmã Zilá (3) sofreu enfarte fulminante em 1992. Além de Tanda (4), Vanda (5), Gloria (6) e Filomena (7), resta a Betinho um meio-irmão, Jair (*à esq.*), mestre-de-obras em Bocaiúva. "Temos a mesma idade." Seu Henrique, já falecido, mantém seu posto na memória de Betinho: pai-herói

Quando Betinho fala e o Brasil ouve, a classe política fareja competição desleal. Qual o ministro de Brasília que arriscaria se medir em público com uma figura que metade do Brasil quer proteger e a outra metade por ele quer ser protegida? Fernando Henrique Cardoso fugiu ostensivamente da raia na sexta-feira passada: preferiu comparecer a uma tediosa homenagem ao empresário Roberto Marinho, dono das Organizações Globo, a investir dois minutos de seu tempo na festa cívica Viva Rio. No primeiro evento, para convidados seletos, sabia ser a estrela maior. No segundo, aberto a qualquer cidadão, só daria Betinho. Ciúmes de miss. As simplificações de Betinho, do tipo "se eu fosse presidente da República eliminaria todos os ministérios e governaria as coisas públicas através das agências do Banco do Brasil", causam arrepios e são citadas como prova de seu despreparo político. Besteira. É sabido que Betinho sabe falar sério.



Político de Brasília sabe articular, Betinho sabe motivar. Político sabe discursar, Betinho sabe se fazer ouvir. Político tem clientela fixa, Betinho é um atravessador. Herege assumido, só mesmo o deputado Delfim Netto, que do alto de seus 90 quilos classifica Betinho de "aquele sociólogo esquálido". Os outros, quando querem bater batem na Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida, popularmente conhecida como a Campanha do Betinho contra a Fome (*veja artigo na pág. 86*).

O mundo acadêmico também não sabe o que fazer com o espécime.

Folha nº 07 de proc. 1997



O Médico



FOTOS ALBUM DE FAMÍLIA

Doutor Expedito: do filho do czar a livros alemães

O doutor Expedito Rolla Guerra é daquelas pessoas que mesmo quando estão sentadas no sofá mais confortável de sua casa não deixam o corpo perder o vinco. Aos 77 anos, mantém cada fio de cabelo no lugar — não por vaidade, mas por asseio. Sua maior excentricidade, a honradez.

Exatamente meio século atrás, abicou de supetão na vida de Betinho. Era interno residente na Santa Casa de Misericórdia, em Belo Horizonte, e estava de plantão numa madrugada de 1943 quando o chamaram para atender um menino que havia caído no banheiro e cortado o lábio. Sangrava muito. Cada vez que se introduzia a agulha para suturar o lábio, jorrava vagalhão maior de sangue. "Fiquei apavorado", relembra o médico. Naquela madrugada, o garoto Betinho, então com 8 anos, falou uma só vez, e bem baixinho, quando o formando começou a improvisar um torniquete com grampos de metal. "Não me deixe morrer." Não deixou. Internou-o na Santa Casa e passou a fazer parte da história e do afeto da família. Certo dia, recebeu a visita de seu Henrique, pai de Betinho, que viera convidá-lo para padrinho do caçula, Francisco Mário, com a seguinte tirada: "Pobre é assim: pede serviço, não paga e ainda dá afilhado".

"Naquela época, em Belo Horizonte, sabia-se pouco sobre hemofilia, além do fato de que o filho do czar da Rússia havia nascido com a doença. Não era meu ramo, mas fui estudar na biblioteca em livros alemães traduzidos para o espanhol. Aprendi que em hemofílicos as hemorragias se formam mais nas articulações. Ainda não se sabia por que, mas sabia-se que transfusões de sangue melhoravam o quadro do doente. Acabou virando meu ofício fazer transfusões em Betinho."

A Santa Casa de Misericórdia acabaria sendo a melhor escola de vida e de cidadania para Expedito Guerra. Ali, pobre (leia-se, possível eleitor do PSD, partido do cacique político José Maria Alkmin, seu mais ilustre e duradouro provedor) acabava aceito sempre, mesmo quando não era possível atendê-lo.

"Lembro-me de uma mãe que viajou 150 quilômetros para trazer seu filho tuberculoso. O menino estava condenado, seu tom de pele já era opaco. Na sala de radiografia, chocou-me a brutalidade do médico que deu o diagnóstico para aquela mãe: 'Pode voltar, seu filho está morrendo'. Não me conformei. Fui pegar a trouxa que ela havia deixado numa pensão e me deixaram deitar o menino num terraço da Santa Casa. Tomaria sol e lhe dariam comida até que morresse. Muitos e muitos anos depois, um jovem de terno de casimira azul-marinho bateu no meu ombro na Praça Sete. 'Doutor, lembra de mim? Eu sou aquele que ia morrer. Muito obrigado'."

São histórias e mais histórias, seguidas de longas pausas. No caso do doutor Expedito, chora o médico, não o paciente. Mesmo quando não está de jaleco, ele sente o pulso do Brasil de Betinho.

"A Santa Casa me colocou em contato com o Brasil humilde. Só me beneficiei com isso. Eu poderia ter-me aposentado pelo INPS, mas não achei certo receber, pois continuei a trabalhar em meu consultório particular. Como minha clínica de classe média atende pobres, os ricos não costumam vir. É interessante observar como o pobre afasta o rico muito rico. Sofro quando não acerto o diagnóstico. Por isso, para paciente novo, cobro só uma consulta ao longo do primeiro mês, ou até acertar o diagnóstico." **Criou seis filhos com honradez — nenhum deles optou pela profissão do pai.**

Por que, com esse perfil social, Expedito Rolla Guerra não enveredou pela militância política de esquerda como Betinho, a quem tanto admira? *"Porque naquela época eu era mais temente a Deus. Não conseguia comungar com o socialismo radical dele. Ainda tenho fé, só que, com cinqüenta anos de prática médica nas costas, tem horas que a gente escorrega... Admiro quem toma uma bandeira nas mãos e vai em frente, como Betinho. Ele deve entrar para a História do Brasil."*

"Betinho está ancorado na certeza do poder de transformação da fantasia"
MARIA, sua mulher



FOTOS ALBUM DE FAMÍLIA

Betinho, formado em Sociologia pela Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, tem doutorado pela Universidade de York, no Canadá, foi professor titular da Universidade Nacional do México até retornar do exílio, em 1979, mas não preenche propriamente o figurino do intelectual de carteirinha. Escreve mais para a mídia do que papéis de peso científico. Prefere montar barraca na rua para vender uma idéia — a da cidadania — a enclausurar-se na fenomenologia dos professores doutores. Junto com seu parceiro espiritual e político, o economista Carlos Alberto Afonso, inventou a mãe de todas as ONGs brasileiras, o Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas, Ibase *(veja pág. 93)*. Vive às turras com os economistas afeitos a equações. "Os economistas não falam em gente, falam em índices, modelos, fórmulas. Às vezes tenho a impressão de que a única pessoa existente na fala de um economista é ele mesmo. Pois bem, nesse cenário tão inovador, por que não substituirmos também o próprio ministro da Economia por um computador? Alimentaríamos o micro com uma montanha de programas econômicos e a máquina calcularia com precisão o que deve ser feito, sem erros", disparou recentemente no XXX Forum Nacional de Secretarias de Trabalho, realizado em São Paulo. Presente ao encontro estava o ex-presidente da Fiesp Mário Amato, que resolveu tomar as dores dos economistas.

— Emprego não se gera por decreto, se gera com trabalho. Na qualidade de economista, portanto detestado por Betinho, me parece utópico, conversa de intelectual imaginar o contrário.

— Prezado amigo economista Mário Amato, o considero muito mais um empresário liberal do que um economista — respondeu Betinho na lata.

Amato manifestou "o carinho e respeito que dedico a vossa senhoria" e preferiu sair antes de Betinho esclarecer o que acha dos empresários liberais.

O vossa senhoria soou particularmente barroco, mas Betinho já está habituado aos tortuosos caminhos da apresentação de sua pessoa em eventos mais formais. "Com a palavra, o sociólogo Herbert de Souza" sai fácil. O duro é prosseguir. Como chamá-lo de "doutor Herbert", "senhor Herbert", se todo mundo sabe que ali está sentado o Betinho? Inevitavelmente surgem variantes neutras — "meu caro", "ilustre colega", "nosso Betinho" ("nosso" quem, cara pálida?).

Humanidade. Solidariedade. Miséria. Fome. Pobre. Quando Betinho pronuncia essas palavras, elas adquirem vida, parecem novas, revolucionárias, quase compreensíveis, talvez transformáveis. O segredo de Betinho é bem mais transparente que a fórmula da Coca-Cola, mas talvez mais difícil de copiar: (1) ele realmente acredita no que fala e quem o ouve acredita que ele acredita; (2) ele escuta e ouve, o que para as classes mais humildes é total novidade; (3) ele circula com naturalidade entre os excluídos (por ser portador de Aids), as minorias (por hemofílico e ex-clandestino), os marginais ("seu lado liberado era o que mais me fascinava", lembra o deputado José Serra, que invejava as investidas noturnas do jovem militante Betinho), os humildes (por emitir sinais inconfundivelmente cristãos). Cristãos mas não messiânicos, como os de outra



Exílio no Canadá: Henfil e D.Maria o visitam



Na URSS, em 1961 com Roberto Lobo...



FOTOS ALBUM DE FAMÍLIA

Betinho, aos 28 anos: exílio no Uruguai

Folha nº 09 do proc.
nº 910 do 19 92

"Fiquei com uma vacina profunda da militância política"

Um Filho

Covinha no queixo, cabeleira romântica, olhar que encara, como o do pai. Aos 28 anos, um sobrevivente. Daniel Carvalho de Souza nasceu em São Paulo um ano após o golpe militar de 1964, que jogou seu pai, Herbert de Souza, na clandestinidade. Para sua proteção, o menino aprendeu a camuflar sua filiação — chamava os pais de tios. Ia de ninho em ninho, de bairro em bairro, interrompendo amizades e arrancando raízes. "Mamãe sempre cuidou para que eu tivesse pelo menos um cachorro", lembra. Assim foi até os 5 anos de idade, quando os pais se separaram. Aprendeu a usar o nome falso do novo registro de nascimento que a mãe, a socióloga Iries Coutinho de Carvalho — hoje editora de livros infantis —, obteve para fugirem do país. "O pulso mais forte em minha vida foi minha mãe. Ela enfrenta qualquer coisa." Nos dez anos seguintes, a vida de Daniel foi adquirindo as tinturas clássicas do exílio. Tem cidadania sueca, um meio-irmão de dupla cidadania brasileiro-inglesa e uma insaciável fome de um Brasil que lhe faltou quando criança. Formado em desenho industrial pela Esdi do Rio, deu uma guinada na vida e juntou-se à Companhia Aérea de Dança, que funde samba com dança moderna. Mora em Copacabana, em sintonia com o mar.



...junto aos camaradas da Komsomol



Daniel, aos 28 anos: equilíbrio na dança

"É terrível constatar isso, mas a relação com meu pai só se aprofundou devido à Aids. Até então tínhamos um contato mais institucional, do tipo mesadas e conversas amenas. Soube que ele era soropositivo por telefone. Até então ele vinha me dizendo o que eu não entendia: que Henfil havia tomado muitas transfusões de sangue e por isso havia contraído o vírus. Jamais se referia a ele próprio, mas estava preparando o terreno."

"Quando eu era menino, tinha pesadelos, uma insegurança terrível por não ter um superpai e, ao mesmo tempo, por não poder protegê-lo. Tinha pânico de ser preso com ele. Meu equilíbrio, hoje, é a dança. Mas ainda aos 26 anos, quando me apresentei no palco pela primeira vez tocando piano e dançando para 400 pessoas, a insegurança bateu forte. Meu pai estava lá, na platéia. Aplaudiu, só que até hoje não sei o que ele realmente sentiu ao me ver no palco. Papai, como eu, é Escorpião. Não explode nunca — se quer ferir, fere com a palavra. Mas vamos chegar lá, precisamos chegar lá, um precisa saber o que o outro sente. A Aids está em confronto com o que meu pai tem de mais forte: a cabeça. O vírus vai perder, pois ele é uma cabeça extraordinária. Seu corpo frágil lhe serve de mero transporte. Tenho certeza de que vai sair dessa. Ele não tem tempo de morrer agora — tem essa fantástica campanha para tocar. E, depois, há essa urgência em mergulharmos fundo na nossa relação."

Cinco anos atrás, pouco tempo após a morte dos irmãos Henfil e Chico Mário, quando todos, inclusive Betinho, achavam que a Aids o levaria em breve, Daniel escreveu um texto sobre seu pai publicado no livro *Sem Vergonha da Utopia, Conversas com Betinho*, de Ricardo Gontijo. Alguns trechos valem até hoje:

"Era engraçado discutir com ele, aos 8 anos. Ele dizia que o Tarzan, a Jane, todos não eram de nada, que o bacana lá era a Chita, e eu achava estranho... A toda hora o vejo no jornal e na TV, a toda hora sinto orgulho e tristeza, a toda hora ele está mais presente e mais ausente... O que basta é saber que ele, apesar da idade, é tão jovem quanto eu."

figura honrada do cenário público recente, o ex-ministro da Fazenda Dilson Funaro. Funaro lutou contra a morte, de câncer, com tenacidade. Betinho batalha pela vida com alegria. Um espanto. Liberto da culpa e da noção de pecado da infância mineira, adquiriu alma carioca — mesmo mal sabendo nadar. Costuma dizer que pessoas autoritárias não conseguem rir nem fazer rir — são verticais.

"É, a fome está na moda mesmo", constata a assessora de imprensa de uma agência de publicidade de São Paulo, que achou oportuno lançar um vídeo institucional sobre o tema. Betinho, andarilho de percursos longos, fica de sombrancelha arrepiada. Moda? Só na vida dele, é mais antiga que o primeiro Fusca. Tinha 23 anos de idade quando convenceu o IBGE de Belo Horizonte a fazer uma pesquisa sobre o estudante-trabalhador. "Saíamos à noite com braçadas de formulários de sociólogo amador, percorrendo os colégios da periferia", lembra o amigo Humberto Pereira. "Foi nosso primeiro corpo-a-corpo com a carência de cidadania." Betinho também conseguiu convencer o prefeito a cadastrar as favelas da cidade — na época Belo Horizonte já tinha quase 700 000 habitantes e uma crescente população marginalizada. "Ele teimou que o mapeamento fosse feito barraco por barraco, uma loucura. E lá fomos nós, estudantes militantes do catecismo dominicano, mapear esse povo."



OSCAR CABRAL

Em 1989, na comissão de frente da...

Mais de um quarto de século depois, Betinho continua convencendo as pessoas a fazer coisas. Poupa apenas o amigo Chico Buarque de Hollanda. "Desenvolvi a teoria de que você só chama o Chico em caso de catástrofe — guerra mundial, falência do Rio etc." Não há dia típico na agenda desse agitador de consciências nem visitante padrão. Exemplo de uma quarta-feira recente: o ministro do Trabalho, Walter Barelli, o procurara, o Comitê do Jardim Botânico tenta audiência para fazer o seu mapa astral (não consegue), reunião com o representante da Força Sindical, entrevista com o semanário alemão *Die Zeit*, encontro com cônsul dos Estados Unidos para Assuntos Políticos, com a primeira-dama de Nova Iguaçu, almoço com o empresário Luiz Fernando Levy, do grupo Gazeta Mercantil, cuja fundação contribui para a campanha com 10 000 dólares mensais. E convites, intermináveis convites: para paraninfo de normalistas de Manaus ou formandas da Escola Morro da Pedreira, no Rio, para receber um prêmio na Bélgica ou uma homenagem da Associação dos Moradores Unidos de Jacuba, todo mundo quer Betinho. Um raro sinal de que ele é mortal como todo mundo: ligou de uma oficina mecânica avisando que estava com problema e ia atrasar.

"Betinho muitas vezes fica sabendo de sua participação em eventos através de cartazes espalhados pela cidade ou telefonemas de organizadores aflitos dizendo 'o salão nobre já está lotado, o Betinho pode vir?'", conta a jornalista carioca Carla Rodrigues, que desde maio chefia sua assessoria de imprensa. Uma saída é "Tele-Betinho neles", ou seja, o envio de um vídeo sobre a campanha, narrado por ele. Mesmo conhecendo suas limitações físicas, ninguém aceita substituto para Betinho. Vez por outra se recorre à atriz televisiva Maitê Proença, a mais engajada e familiarizada com a campanha. Não adianta. "Betinho ainda está valendo duas Maitê",

O Músico

Rua Garibaldi, bairro da Tijuca, Rio de Janeiro. O letrista e poeta Aldir Blanc, cabelo, barba e cabeça de profeta, tenta reescrever pela quarta vez a letra de *Boas Festas*, de Assis Valente, escolhida para servir de hino de Natal da Campanha contra a Fome. Dezesseis anos atrás, no amanhecer da abertura política, pôs o Brasil a cantar a anistia. Sem conhecer Betinho, seduziu-o a retornar para o *Meu Brasil/ que sonha com a volta do irmão do Henfil,/com tanta gente que partiu/num rabo de foguete...* Imortalizada por Elis Regina, a música *O Bêbado e a Equilibrista* embalou Betinho como uma bandeira do Brasil. Hoje, Aldir ainda escreve a mão num apartamento em que tudo respira vida e uso. Os berços dos netos gêmeos recém-nascidos convivem com jornais velhos e discos de 33 rotações. Tem exemplar da *Caseta & Planeta* com fotomontagem de Itamar Franco de baby-doll, tem ca-

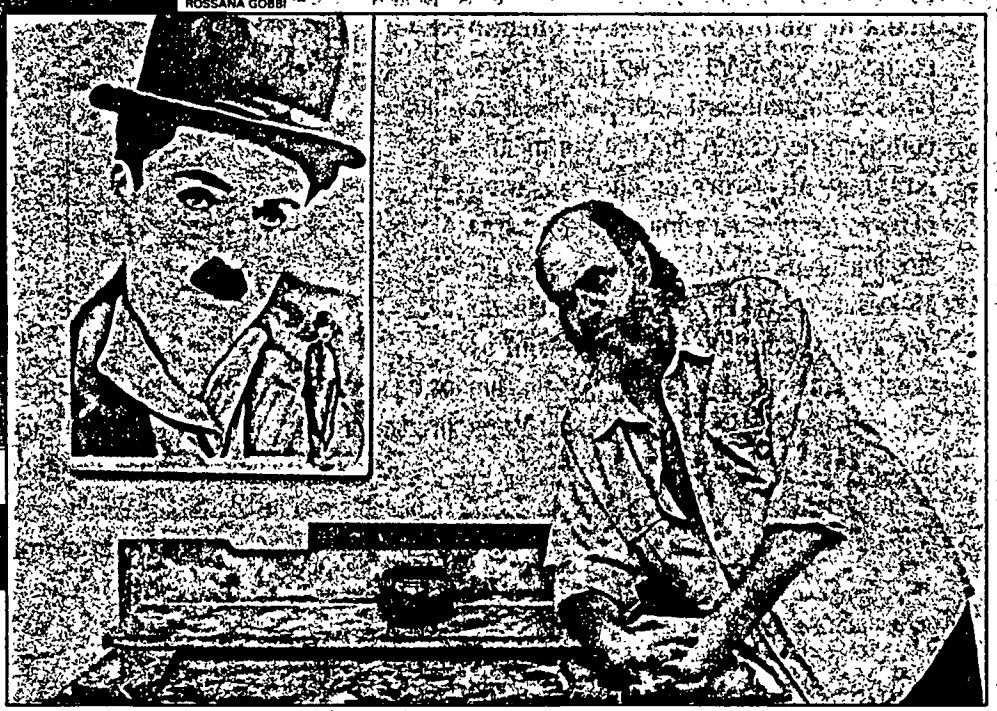
Folha nº 11
Proc.
nº 910 de 1997

"Se eu dou esmola? Dou. E, quando não dou, morro de arrependimento"

ROSSANA GOBBI



...Padre Miguel: nota 9 e hematomas



Aldir Blanc: "A importância de Betinho é a loucura dele, uma loucura santa"

Morro, tem violões, a mesa de ping-pongue da sala se transmuta em tábua de passar fraldas, não tem nada decorativamente correto. Nem a campainha, que não funciona há meses.

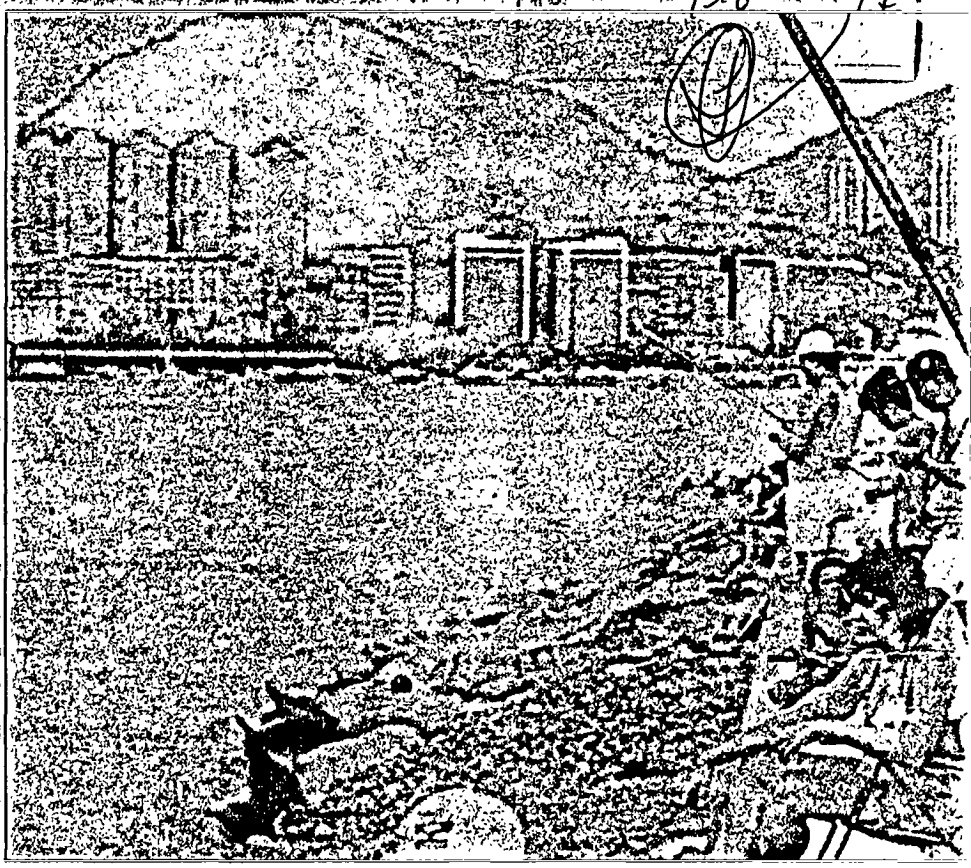
"A importância de Betinho é a loucura dele, uma loucura santa. O perigo está na burocratização dessa força. Eu o conheci antes de conhecê-lo, de tanto que Henfil e Francisco Mário, os irmãos, o tornavam presente. Eles amavam profundamente aquele irmão no exílio. A diferença entre Betinho e Henfil? Digamos que houvesse uma marcha até o Nordeste para acabar com a fome. Betinho entra, precisa entrar, acredita que a marcha vá chegar até o Nordeste e que ela pode acabar com a fome. Henfil entra na marcha, não acredita que ela acabe com a fome nem que vamos chegar lá.

Numa noite de sábado fui chamado à casa do João Bosco, que tinha uma música pronta para eu letrar em cima. Eu estava tomado de tristeza pela morte de Charles Chaplin e a letra foi saindo inteira. O bêbado, do título, foi uma espécie de auto-referência: naquela época eu bebia muito. Como a música do João tinha estrutura de samba-enredo, achei que a gente deveria fazer a anistia ser cantada sem tom de lágrima de desespero. O incrível é que Betinho se torna mesmo um pouco chaplinlano: vagabundo, doido, genial, está tudo ali. Betinho tem a capacidade de lidar rindo com o que o perturba. Caras assim podem tudo. Ele é totalmente desvairado pela música brasileira, por isso me relacionei com ele desde o início. Tomávamos porres homéricos. Lembro uma noitada dramática em que ele se entusiasmou tanto com a batida de uma roda de samba que se meteu a acompanhar o batuque com o copo. O copo foi quebrando até Betinho ficar só com a base na mão. Era caco pra tudo que é lado e ele, de sandália, batucando. Sabemos todos que qualquer corte, no caso dele, é emergência. Mas não aconteceu nada. Ele é mesmo um mistério. Trata a morte a pontapés."

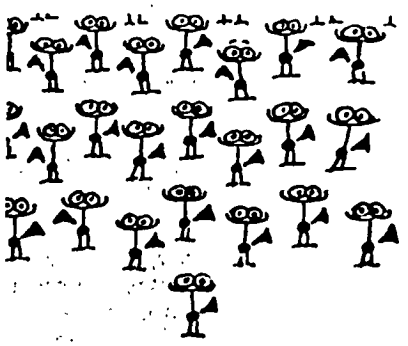
Em 1989, Betinho encarou o Sambódromo desfilando na comissão de frente da Escola Padre Miguel, ao lado de Aldir. Enredo: Elis Regina. Nota: 9. Saiu feliz, com hematoma no braço de tanto saudar com a cartola pesada para o punho frágil. *"Ele estava preocupado com a extensão do percurso. Não queria pifar feito carro alegórico que escangalha — a escola perderia ponto. Quando chegamos à Praça da Apoteose, paramos junto a um carro transbordando de mulatas. Betinho ficou um bom tempo calado, só olhando. 'Nunca mais vou ser o mesmo', concluiu."*

espanta-se o cartunista Ziraldo. Uma coisa é certa: quem vai ter com Betinho achando que vai ganhar notoriedade por tabela, dando só boas intenções, está ferrado. O homem costuma tirar o couro do interlocutor.

Há eventos que o exaurem mais, física e emocionalmente. Uma recente visita às detentas do presídio feminino Talavera Bruce, no Rio de Janeiro, foi um deles. Foi a terceira vez na vida que se meteu nessa seara. Era um toco de gente — tinha 3 anos e o pai assumira o almoxarifado da penitenciária de Neves, na região metropolitana de Belo Horizonte — quando conheceu pela primeira vez uma prisão. Pareceu-lhe colossal aquela edificação com jeito de castelo, fincada em meio a laranjais. Ali os presos não causavam maiores temores na comunidade local. O afogamento de um menino no Córrego do Moisés apavorou Betinho muito mais do que a convivência de cinco anos com os detentos, que plantavam hortifrutis nos fundos de sua casa. Moravam na vila número 21, onde nasceu Henfil e onde dona Maria preparava almoços mineiros para a cacicquia política da época. Seu Henrique, o pai, fora escolhido como guardião do único telefone público da cidade de então 3 000 habitantes e o instalara na sala da casa, com cabine e tudo. Era o Brasil antigo. "Gente! Quer dizer que o Betinho morou nessa casa?", espanta-se hoje a passadeira Dilza Camargo de Souza. "Neves tem cada gente famosa! Tem também aquele cantor, o Sílvio César!"



Fim de semana no Rio, Aterro do Flamengo, dezembro de 1993: Betinho vai "pescar..."



"Nada é maior do que a solidariedade e por ela a gente não agradece, se alegra"

Seu segundo contato com a detenção foi para dela fugir. Era véspera de Natal de 1965, ano II do golpe de Estado militar, uma sexta-feira. Tinha 30 anos e ordem de prisão decretada. Prometeu reapresentar-se ao Dops na segunda-feira, mas amigos conseguiram enfiá-lo na Embaixada do México, sob proteção de Vicente Sánchez Gavito. Queria apenas abrigo, não pretendia ainda abandonar o país. Dez dias depois, escapulia da embaixada para a clandestinidade como em filme de pastelão: o futuro governador do Rio de Janeiro, Wellington Moreira Franco, então militante da AP e encarregado do plano de fuga, veio resgatá-lo a bordo de um carro que pifou. Tiveram de fugir de táxi. "Desde aquela época Wellington já fazia tudo errado", comenta Betinho-Fradim. Era o Brasil repressivo.

Da terceira vez, em novembro último, entrou no Brasil solidário encarcerado em Bangu. Ansiedade festiva, cochichos, risadinhas, cotoveladas de expectativa entre as 279 detentas do Talavera que haviam aderido à Campanha contra a Fome e fizeram chegar a Betinho o convite para ir vê-las — típico convite que ele faz entrar na marra em sua agenda doida. Típico também da mitologia carioca foi o boato de que o

Folha n.o 13 do proc
n.o 9-10 de 1997

A Cura



MARIA NAKANO

...cerveja" com parceiros de longa data

Terça-feira canicular, no Rio. De manhã, Betinho havia colocado seus acessórios de gala — paletó, gravata, meias — para participar do XIV Congresso Brasileiro dos Fundos de Pensão, no Hotel Glória. Dos conferencistas listados para falar naquela sessão, era o único sem maior qualificação no assunto. Não tinha sequer uma queixa pessoal de aposentado: graças ao advogado Marcelo Cerqueira, recebe do Ministério da Educação o suficiente para pagar sua gasolina e contas de restaurante (com o golpe militar de 1964, perdera o emprego de consultor de Paulo Freire, assessor de João Goulart). Estava ali para vender uma equação ética: ação + cidadania = combate à miséria + emprego = aposentadoria. Como o aposentado, sobretudo no feminino, representa uma das espinhas dorsais da Campanha contra a Fome, Betinho não deixaria passar a chance de falar para esse público potencial de 12,5 milhões de brasileiros. Quando voltou para a sua sala, no bairro de Botafogo, estava cansado. Cabeça enfiada no Jornal do Brasil daquele dia, 26 de outubro, parou na página 15, animou-se e desembestou a fazer a leitura em voz alta para os que trabalhavam nas salas contíguas: "Descoberta pode levar à cura da Aids"...

"Caramba, minha ficção está aí no jornal! Que grande dia! A palavra cura entra pela primeira vez no noticiário! Tinha que vir da França... Se der certo provavelmente vai se chamar cura Charles de Gaulle, algo bem pomposo. E agora o que é que eu vou fazer? Eu estava todo programado para durar pouco tempo..."

A palavra cura, para Betinho, tem estofo. Quase meio século atrás, quando já tinha vivido quinze anos de hemofilia, foi diagnosticado tuberculoso. Era a Belo Horizonte de 1950, Rua Ceará, e nenhuma cura à vista.

"O médico reuniu a família. Contou tudo. A família chorou a minha morte e decidiu que eu não iria para um sanatório, mas para o fundo do quintal, para o quarto da Maria Leal, transformado em meu sanatório particular — o único de Belo Horizonte... A primeira providência política foi chamar o padre alemão da Santa Casa para me dar extrema-unção. Depois instalaram uma campainha me conectando à casa principal. Também foi construída uma cancela de madeira que me isolava mas me permitia olhar para fora e ser visto de fora. Dali Henriquinho — depois Henfil — me observava. Dali havia que se viver."

Três anos de adolescência durou esse primeiro exílio de Betinho. Dos 15 aos 18. Três anos virtualmente de pijama — vestia sapato apenas para a visita mensal ao pneumologista. À falta de uma instrução formal, acumulou com voracidade cursos por correspondência, fossem quais fossem. Formou-se assim em radiotécnica. Foram, também, os anos de maior convulsão religiosa, em que fé, pecado, culpa e sexualidade se guerreavam o tempo todo. Até lhe cair em mãos, um dia, um exemplar da revista O Cruzeiro. Trazia reportagem ilustrada sobre a hidrazida, a maravilha farmacêutica que viria acabar com a tuberculose no mundo. A cura.

Se ela cruzou sua vida uma vez, por que negar a sua possibilidade agora? Tempos atrás, Betinho escreveu um artigo que virou roteiro que virou vídeo de vinte minutos intitulado O Dia da Cura.

É um convite a admitir que a medicina pode tornar a Aids uma doença crônica, não mais letal, algo como a diabetes. O tom do texto é intenso, mas, como tudo em Betinho, regado à alegria. Ele próprio faz uma hilária ponta como o farmacêutico que vende remédio contra Aids junto com preservativo.

"Eu já tenho quatro anos e meio de AZT e há coisa de três meses meu médico optou também pelo DDI. Meço minha contagem de células de combate ao vírus a cada três ou quatro meses e vejo que o índice está baixando. Em ziguezague, mas está baixando. Planejar coisas para daqui a um ano é realista. Para daqui a 2, 3, 4, bom... é ver a cada período. A ver, porque eu posso continuar por vários anos, contra as evidências. A ver, porque pode haver o controle da doença, ou a cura." **A cura.**

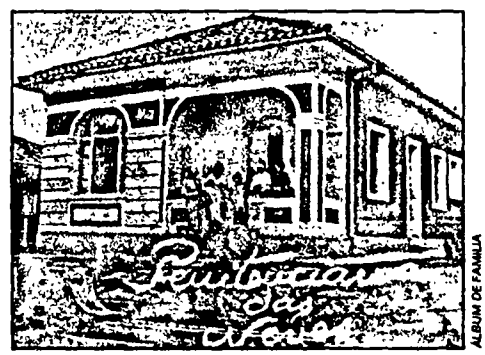


ALBUM DE FAMÍLIA

O pijama do recluso: três anos de solidão



Comando Vermelho teria dado sinal verde à adesão à campanha. Maria Alice Alves, 24 anos, dois filhos pequenos, camisa regata, cabelo ralo, shortinho de moleca e sete anéis nos dez dedos, tem três anos já cumpridos de um total de dez. "Tráfico", esclarece. É a mais elétrica da galera. "Pelos boatos aqui dentro comecei a conhecer Betinho. Que pessoa! Estou arrepiada de pensar que ele está aqui com a gente! E quem não se emocionar é porque não tem sentimento. A gente aqui dentro não sabe o preço das coisas, mas sabe que pode ajudar. A gente tá presa, mas tá comendo — bem ou mal são três refeições por dia. O pessoal aí fora pensa que está solto, mas está é preso pela fome. Sábado a gente já não janta, pronto." Pulando uma refeição por semana, vão juntar 54 litros de óleo, 50 quilos de farinha, 150 de arroz e 50 de feijão. Cantam o *Hino Nacional* com a mão no peito, ovacionam a presidiária que teve a idéia toda e ouvem Betinho de mãos dadas. Como diz Maria Alice, "quem não se emocionar não tem sentimento". Betinho está um trapo de tanta emoção. Mas não sai dali sem deixar a semente de uma idéia nova, no caso uma carta assinada por todas as presas e endereçada aos empresários que começaria assim: "Nós já demos nossa parte, e vocês?". Quase foi sufocado de tantos beijos na testa, com batom vermelho e tudo. Vale acrescentar que cinco outros presídios masculinos do Rio, além do Carandiru, de São Paulo, aderiram ao movimento.



ALBUM DE FAMÍLIA

Betinho não tem mais como parar. Quarenta anos atrás, quando o Ministério da Guerra lhe forneceu o Certificado nº 2 764 de isenção do serviço militar, declarando-o "apto a exercer atividades civis", tinha 18 anos. Começava a caminhada. Desengajou-se da religião do medo, na qual "em cada esquina poderia haver um pecado, com o capeta correndo atrás da gente" e deixou-se catequizar pelo conceito de fé dos frades dominicanos. No lugar do pecado, vinha a justiça social. Segundo dizia Henfil, "eram caras normais, iam a festas e de vez em quando usavam o hábito". Foi moldando sua identidade política de esquerda não marxista. Ao lado do hoje físico Roberto Leal Lobo, ex-reitor da Universidade

"A elite brasileira não é capaz de elaborar um conceito de humanidade que inclua o pobre"

Folha n.º 15 do proc.
n.º 910 de 1997

A Escola



MARCELO CARNAVALI/O GLOBO

Festa no presídio: as detentas do Talavera Bruce, no Rio de Janeiro, saúdam Betinho. Cinqüenta anos atrás, no colo do pai, que cuidava do almoxarifado da penitenciária de Neves (MG), iniciou sua alegre convivência com o universo carcerário

Ninguém resiste a romancear um pouco a sua própria biografia, sobretudo quando ela é pálida. Betinho não precisa de arabescos. Basta-lhe o humor. É com enorme apetite que recorda os tempos em que, dos 9 aos 15 anos, freqüentou quase diariamente a funerária de Belo Horizonte administrada pelo pai.

1945 *"A funerária foi uma escola de vida porque a morte, ali, era só um meio de viver. Era uma funerária muito especial. Foi organizada por José Maria Alkmin, nascido em Bocaiúva, irmão gêmeo de Duca, de quem dizem que roubou o cérebro ainda na barriga da mãe, vendedor de doces de leite quando criança, telegrafista colega de Juscelino Kubitschek, deputado com votos de Bocaiúva, colaborador do Estado Novo e de Benedito Valadares, diretor da penitenciária e provedor da Santa Casa da Misericórdia. Um homem de estatura pequena e voz grossa, de larga visão administrativa e grande tirocínio político. Enfim, um homem capacitado a dirigir uma penitenciária, organizar uma funerária e seguir um grande destino político. Chegou a vice-presidente da República do general Humberto Castello Branco, primeiro presidente do golpe militar de 1964. José Maria montou a funerária com base na penitenciária. Tinha tudo a ver. Meu pai, que era almoxarife de uma, passou a ser gerente da outra. 'Maninho', que fora condenado a não sei quantos anos de prisão, agora era carpinteiro da funerária — cortava, serrava e pregava cerca de 32 caixões por dia. Os 'choferes' que levavam os mortos para o cemitério eram antigos detentos da penitenciária que haviam feito mortos por conta própria. Enfim, o pessoal todo era do ramo e por isso ninguém estranhava nada, e a funerária mais parecia uma grande família cuidando dos afazeres domésticos. Belas lembranças tenho desse lugar. Com o seu Antonio aprendi fotografia, carpintaria, calma e filosofia. Participei com ele da construção da primeira urna funerária de Belo Horizonte. Seu Antonio, com seus 60 anos, e eu, com 10, gastamos quase um ano de trabalho para fazer o primeiro protótipo de uma mineira, que teve até acolchoado para maior conforto do morto. Seu Antonio era um gênio. Com ele aprendi escultura em cera de vela de defunto, além do uso do enxó, plaina e aplicação de verniz."*



EUGENIO SAVIO

Lúcia Diniz com o modelo Extra-Horizonte: quando começou, tinha pesadelo. "A funerária é uma escola de vida", diz Betinho

1993 **A funerária da Santa Casa continua na mesma esquina da Rua Bernardo Monteiro, 367. O toldo marrom lavado parece de armazém à antiga. Na sala de atendimento, um único enfeite — o retrato solene de José Maria Alkmin, sempre ele. Como na época de Betinho, que brincava à vontade entre caixões e carros funerários, a molecada de férias também adora brincar de esconde-esconde entre as fileiras de urnas. Lúcia de Paula Diniz, de 33 anos, tinha 18 quando foi bater ali. Seria seu primeiro emprego. Começou forrando caixões mas como tinha 2º grau completo, passou para o atendimento em apenas três meses.**

"Vim da roça e no começo eu tinha pesadelo direto: sonhava que eu tomava conta das urnas e elas começavam a voar com os corpos dentro. As pessoas confundem funerária com necrotério, pensam que a gente lava cadáver, essas coisas. Nos primeiros anos eu mesma não tinha coragem de contar que trabalhava numa funerária. Quando pegava carona com um dos motoristas dos carros funerários, nem deixava ele parar o carro perto de casa: andava vários quarteirões para ninguém me ver. Não iam entender. Hoje dou risada. Temos seis balcões e um caixa para atendimento. Pelo menos hoje não tem mais o sujeito que entra e diz 'eu queria um sepultamento de primeira'. Ora, todo mundo quer um sepultamento de primeira! Não existem mais cinco classes, como antigamente. Hoje o que muda é o modelo. **O mais caro é o Extra-Horizonte (284 000 cruzeiros reais a preços de dezembro, jacarandá, alças douradíssimas), caindo para o Embaixador, o Esplanada, o Baronesa e ladeira abaixo.** *Puxa vida, Betinho viveu por aqui?!!! Eu não sabia não. Eu também penso no pobre. Aqui a gente não é comerciante, tem de usar mais o coração. Por que vou empurrar orquídeas se posso vender palmas e rosas e fica bonito igual? Uso mais o coração. Acho que o Betinho faria igual."*

de São Paulo, USP, aceitou entusiasmado um convite da Juventude Comunista para visitar a URSS, em 1961. Acabaram sendo talvez os últimos brasileiros a ver o túmulo de Stalin ao lado do de Lenin antes de sua expulsão do Kremlin, mas de resto voltaram com o gosto da decepção. Das várias viagens que faria à Cuba socialista de Fidel Castro, nos anos seguintes, como membro da executiva da AP, também voltou não convencido: não aderiu à guerra de guerrilha nem à luta armada por motivos ideológicos, não apenas físicos. "Seu discurso era mais avançado do que a cabeça dos militantes da AP", recorda o ex-companheiro Décio Noronha, obstetra em São Paulo. "Argumentava que não era necessário matar, que o importante era a idéia." As lembranças de Noronha do Betinho clandestino: "Nunca vi pessoa tão reti línea e tão vertical, com tanta certeza e tanta convicção. Estávamos reformando o mundo e ele era a expressão política de nosso sonho. Era o único com capacidade de colocar as idéias no âmbito do sentimento, não do pensamento". Em suma, o mesmo Betinho de hoje.



Foto tirada por Betinho de sua janela em Itatiaia: "É o meu ponto, o único lugar aonde chego

Durante os cinco anos em que viveu clandestino em seu próprio país, Betinho foi "Francisco", "Alberto", "Wilson" e quantos codinomes mais precisasse. Usou peruca, barba e bigode postiços para aplainar o medo de ser preso. "Eu nunca sabia bem quando pôr e quando tirar a peruca. Num banheiro de restaurante? Mas como voltar à mesa depois? Antes de voltar para casa? Mas e se algum vizinho me reconhecesse de peruca? Já o bigode me dava enorme segurança — eu me sentia fortíssimo quando enfiava um bigode."

Com sua atual mulher, Maria, também militante da AP em São Paulo, vendeu muita bolsa de couro na rua para subsistir numa clandestinidade sem emprego. O conceituado analista Antonio Carlos Cesarino, cujo antigo consultório no bairro da Bela Vista tornara-se ponto de apoio para a esquerda à deriva, sabe não estar revelando nenhum segredo de Hipócrates quando lembra que a maioria de seus pacientes clandestinos era mais assustada do que Betinho. "Ele me surpreendia pela curiosidade, em meio aos riscos que corria. Queria compreender o mecanismo intelectual de elaboração das minhas perguntas, do tratamento. Certa vez, enveredou por investigar um método de suportar tortura através da hipnose! Aliás, em matéria de ortodoxia, meu trabalho com Betinho era todo torto: era eu quem pagava para o paciente vir... Nossas sessões se davam em mesas de restaurante, para maior segurança, e como ele nunca tinha dinheiro quem pagava a conta era eu." (Hoje é Betinho quem paga suas sessões de análise lacaniana no Rio, mas nem tudo ainda é perfeitamente ortodoxo: "Às vezes é o analista quem liga para cá caçando o paciente", admite a secretária Carmem Stephen.)

A experimentação ideológica mais letal para a cabeça de Betinho foi com o

"Delfim é odiado, Betinho é amado. Isso incomoda, atrapalha a cabeça dos políticos"
JOSÉ SERRA

"É impossível fugir do lugar-comum: ele é o maior símbolo da cidadania no Brasil"
JOSÉ PAULO SEPÚLVEDA PERTENCE

"Betinho encarna o que no fundo queremos ver no Estado"
EMERSON KAPAZ

"Acho que deve ser uma pessoa que mora no Reino da Utopia"
ARMANDO FALCÃO

Folha n.o 17 do proc.
n.o 910 da 15

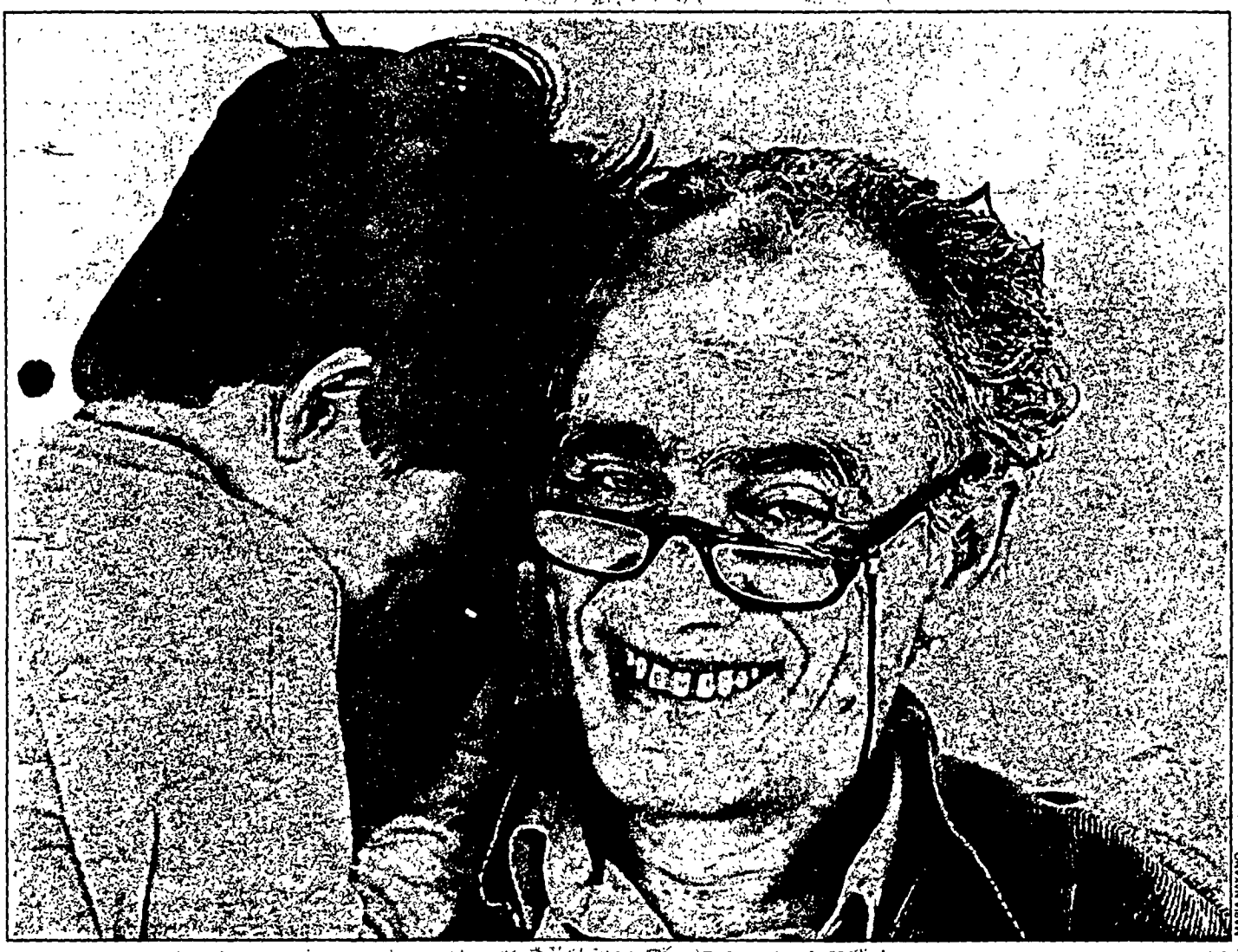


HERBERT DE SOUZA

e fico em estado de plenitude. Viro bicho"

maoísmo, do qual saiu intelectualmente humilhado, e de que tem raiva até hoje. Segundo a cartilha do timoneiro chinês Mao Tsé-Tung, abraçada com voracidade pela liderança da AP no Brasil, a ordem era "entrar na produção", fosse ela rural ou industrial. Betinho, que até então não havia pregado um único prego em barra de sabão para ganhar seu sustento, deveria ir trabalhar numa fábrica, como operário. "Considero esse período de minha vida insano. Acho que eu estava louco." Não tinha cidadania, não tinha papéis de identidade, não tinha experiência, não tinha saúde mas precisava se aproximar da classe trabalhadora, "meus heróis". Foi tomado de felicidade quando finalmente conseguiu um emprego de carregador de caixotes na fábrica Porcelana Real, no ABC paulista, o que lhe pareceu uma fantástica superação de sua condição de hemofílico. Durou três meses a aventura. Três meses de hemorragias no joelho. Com o cerco da ditadura se fechando sobre a AP, Betinho se viu sozinho com os farrapos de uma epopéia ideológica. Vários companheiros haviam morrido, muitos mais estavam presos sob tortura. Chegara a hora de Betinho seguir por outra estrada. A da política, nunca mais.

"Quando rompi com a Ação Popular, já no exílio no Chile, fiquei com uma vacina profunda com relação a esse tipo de experiência. Não aceito mais centralismo democrático, não aceito mais ser dirigido por outra pessoa, nem mesmo se a população



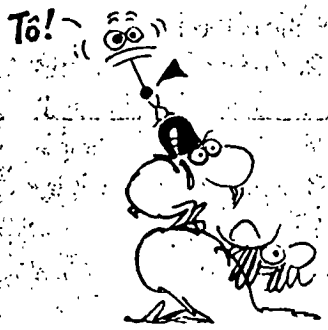
MARIA NAKANO

Segunda paternidade: Betinho tornou-se pai de Henrique aos 47 anos. Paixão total. Há onze anos protege-o quanto pode

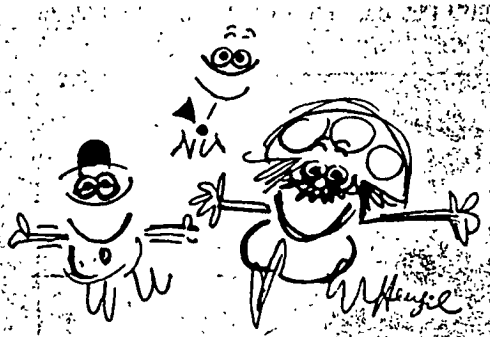
Folha nº 18 do proc
nº 910 de 1992

brasileira *toda* votar numa pessoa me sentirei obrigado a segui-la. A maioria não faz verdades. As idéias têm conteúdo próprio." Betinho, que fazia parte da executiva da AP, responsabilizou a organização pelo que aconteceu a vários militantes. "A polícia foi apenas o braço que operou, mas a responsabilidade política é nossa. Sabíamos que a repressão era o que era, sabíamos que a ditadura estava na nossa cola. Ainda assim colocamos militantes em situações impossíveis. Nossa luta era enlouquecida, pois era impossível. Era de um voluntarismo alarmante."





No exílio ainda teve alguma articulação com o PTB, atual PDT, de Leonel Brizola. E hoje o PDT o acusa de ser petista, enquanto o PT suspeita que seja brizolista. Nada disso tem mais relevância para Betinho. "Minha batalha, hoje, é pela cidadania. O fundamento da sociedade democrática reside nisso. Um cidadão pode exercer sua cidadania política sem ser convidado a nada, sem ser militante de nada, guiando-se pelos seus valores. Partido, na verdade, é proposta, e todo cidadão que tem uma proposta é um partido." Está formado o partido do Betinho, que no momento atende pelo nome de Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida. Já já ele muda de nome, de curso, de ênfase. Betinho mudou? Menos do que qualquer outro de sua geração. No máximo, observa sua irmã Maria Candida, "desceu da divindade para a humanidade". "Era o guru da JEC, agora é o guru do Brasil", acrescenta José Serra.



Sua vida familiar está ancorada em porto seguro, ao lado do filho Henrique, de 11 anos, e da mulher, Maria — nenhum dos dois contaminados. É o japonês da família: cozinha e come arroz todo dia. Não pilota a vida ao sabor da doença, mas há tempos tomou uma decisão crucial: "Montei meu esquema médico". Tradução: vai exercer o direito de desligar as máquinas se e quando achar necessário. "Tenho medo da dor, não da morte." Adquiriu casa própria aos 52 anos de idade — um apartamento de dois quartos em Botafogo — e dirige seu próprio Monza 1988, comprado graças à isenção de imposto para deficientes. O salário de 2 000 dólares do Ibase somado aos 800 dólares mensais que recebe Maria dão conta. "Mas é claro que me preocupa como eles vão ficar", deixa escapar.

"Se Deus existe? Não sei. Se existe, ótimo. Se não existe, o que é que eu vou fazer? Não vou ficar com medo. Existo eu e pronto. Vamos segurar as pontas"

Depois de ter emprestado alma aos dois minutos de silêncio pedidos pelo movimento Viva Rio, foi passar o Natal no Japão. Não o Japão lá do outro lado do mundo, mas a casa dos sogros na Grande São Paulo, que ele chama de Japão por considerá-la uma ilha de tranqüilidade no meio de uma cidade que lhe faz mal. "São Paulo, para mim, é muito mais um cemitério do que qualquer outra coisa. Ali quase fui enterrado quando era clandestino, enterrei amigos e quero enterrar da memória. Pensando bem, quantas situações já enterrei ao longo da vida! Enterrei a infância, a hemofilia, a Ação Popular. São modos, talvez, de conseguir olhar para a frente."

Dia desses o Japão de Betinho tomou um ônibus, arrancou na Via Dutra e foi fazer mutirão no chalé que ele e Maria Nakano estão construindo perto de Itatiaia. Entre 24 sobrinhos, tios e irmãos da nissei Maria, havia quatro engenheiros. Resultado: em apenas um fim de semana, toda a parte elétrica da casa nova estava instalada e tinindo. É lá que Betinho e Maria querem viver e viver e viver. Isso, é claro, depois que a Campanha contra a Miséria tiver coberto o Brasil de ponta a ponta, depois que a Campanha pelo Emprego, planejada para 1994, adquirir vida própria, depois que.... Aí vem Betinho, subindo a ladeira.

Folha n.o 19
n.o 910 - 1997



NELSON KON/OLHO

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Papel para informação, rubricado como folha nº 20

do processo nº 910 de 19 97 02 / 10 / 97 (a)

Ao Senhor Assessor Chefe,
Sobre o assunto, consta;
Em 02-10-97
PL. 733/97, 725/97.

FATIMA [illegible]REIRA MOTTI
[illegible]rlamentar

À Com. de Const. e Justiça
03/10/97

LUIZ AREIAS DE CARVALHO
Ass. Tecn. Leg. Chefe - A. T. M.

Recebido na Comissão de Constituição e Justiça
Em 07/10/97 às 15:00hs.

Ao ilustre Vereador Cel Ari Dido Milton Leite
para relatar

Sala da Comissão da Constituição e Justiça, em 14 de 10 de 1997

18/8/98

Presidente

SEGUE ..... juntado ..... nesta data, ... documento ..... e papel para informação, rubricado .....

sob folha ..... nº 21

Em 20 / 11 / 97

(a) .....

Folha No 21 do proc
No 910 de 1997
O funcionário

Câmara Municipal de São Paulo

Exmo. Sr. Presidente da Câmara Municipal de São Paulo

Senhor Presidente:

Solicito a V. Exa. que encaminhe ao Executivo pedido de informação para saber se o próprio, mencionado no projeto de lei nº 0910/97, de autoria do Nobre Vereador CARLOS NEDER:

1º - é bem público?

2º - Possui denominação oficial? Em caso afirmativo, qual o diploma legal que o denominou?

3º - A denominação proposta (HEBERT DE SOUZA - BETINHO) constitui homonímia?

4º - A descrição e a localização do próprio no projeto estão corretas e são suficientes para a sua perfeita identificação?

Esclareço que tais informações são necessárias ao seguro pronunciamento desta Comissão no projeto de lei nº 0910/97 e saliento a importância de se enviar, junto ao ofício de praxe, cópia da folha deste pedido.

Sala da Comissão de Justiça, 18/11/97

WADIH MUTRAN
Presidente

DEFIRO

Presidente

JLS/IF0910-7

À LEG. 3
Em 20/11/97

Marlene S. de Oliveira
Secretária

RECEBIDO EM LEG 3
20/11/97
14:30

Sr. Cristino,

Oficiar ao Executivo solicitando informações.

20/11/97

Sra. Chefe,

Providenciado conforme solicitação de V.Sa.

20/11/97

JOSÉ CRISTINO SOUZA SANTOS
Assistente de Chefia Técnica

SEGUE ——, juntado ....., nesta data
documento 5 e papel de informação
rubricado 5 sob folha 5 n.o 22/24
Em 04/12/97

Folha Nº 22 do proc.
Nº 910 de 1997
O funcionário

Câmara Municipal de São Paulo

São Paulo, 21 de novembro de 1997.

18 - OF-LEG3
OFICIO N.0788/1997

Senhor Prefeito.

Em atenção ao requerido pela Douta Comissão de Constituição e Justiça e nos termos do art. 68 do Regimento Interno, encaminho a Vossa Excelência cópia do Projeto de Lei nº 910/97, de autoria do Vereador Carlos Neder - que dá denominação ao Centro de Referência de Doenças Sexualmente Transmissíveis e AIDS - CRDST/AIDS de Sapopemba, solicitando-lhe se digne determinar providências no sentido que nos envie subsídios para que a referida comissão possa emitir parecer a respeito.

Valho-me da oportunidade para renovar a Vossa Excelência os meus protestos de elevado apreço e distinta consideração.

NELO RODOLFO
Presidente

Anexo: cópia xerográfica do PL nº 910/97 e do despacho da comissão solicitante de fls. 21.

A Sua Excelência o Senhor
Doutor Celso Roberto Pitta
Digníssimo Prefeito do Município de São Paulo.

jcss.

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Folha Nº 23 do proc. Nº 910 de 1997
O funcionário

MEMORANDO

São Paulo, 21 de novembro de 19 97.

Recebi ofício Leg.3 nº **788** , de **21/11/97** , solicitando ao Executivo informações referentes ao Projeto de Lei nº **910/97** , de autoria **do Ver. Carlos Neder.**

Anexo: **cópia xerográfica do PL 910/97 e do despacho da Comissão de Constituição e Justiça de fls. 21.**

RECEBI EM:
25/11/97

Eliene C. Pinha
Oficial de Gabinete
SGM/ATL

CÓD. 0553

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Papel para informação, rubricado como folha nº 24

do processo nº 210 de 19 97-04,12,97 (a)

À Douta Comissão de
Constituição e Justiça
Em, 04/12/97

MARGARETE NUNES DA SILVA
Chefe de Seção Técnica III
Substituto

CÓD. 0233

Recebido na Comissão de Constituição e Justiça
Em 04/12/97 às 15:00 hs.

SEGUE M junto S nesta data, documento S e papel para informação, rubricado S
sob folha S nº 525 a 528

Em 09/12/98

(a)

Folha Nº 25 do proc.
Nº 995 de 1997
funcionário

Prefeitura do Município de São Paulo

São Paulo, 04 de fevereiro de 1998

GABINETE DO PREFEITO

Ofício A. T. L. n.o 626/98

15 - DOCREC
15-0030/1998

04 02 98
16:30

Senhor Presidente

Tenho a honra de encaminhar a Vossa Excelência, junto ao presente, cópia das informações prestadas pelas Unidades competentes desta Prefeitura, relativas aos Projetos de Lei constantes da relação anexa.

Aproveito a oportunidade para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha alta consideração.

CELSO PITTA
Prefeito

A Sua Excelência o Senhor Doutor Nello Rodolpho
Digníssimo Presidente da Câmara Municipal de São Paulo
LMBN/fsc

SGM - 002 - DGM

À Leg 3,
Em 04/02/98

BRIAN GERALD LAMAN
Assessor Téc. Leg. Chefe Subst.
A. T. M.

RECEBIDO EM LEG. 3
04/ 02 /98
18:00

À Douta Comissão de
Constituição e Justiça
Em 05/02/98

P/
MARCOS ANTONIO LEONIDAS
Chefe de Seção Técnica II
Substituto

Recebido na Comissão de
Constituição e Justiça
Em _____ às _____ hs.

Folha N.o 1 do proc.
N.o 930 de 1997
O funcionário

CÓPIA DAS INFORMAÇÕES RELATIVAS AO PROJETO DE LEI Nº 910/97, REFERENTE AO OFÍCIO Nº 18/Leg.3/0788/97, REMETIDO À CÂMARA MUNICIPAL COM O OFÍCIO A.T.L. Nº 026/98.

Folha Nº 08 do proc
Nº 910 de 1997
O funcionário

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
SECRETARIA MUNICIPAL DA SAÚDE
ASPLAN/COORDENADORIA

Folha de Informação nº 07
Em 22.01.98

CLO... 30.8.02
R... SMS

Do Processo nº 1997-0.247. 829-4

INTERESSADO: Câmara Municipal de São Paulo
ASSUNTO : Projeto de lei nº 910/97 – Ver. Carlos Neder

SMS-GAB
Senhor Chefe de Gabinete

A resposta aos quesitos temos a informar :

1 – A Unidade de Saúde, em questão funciona em espaço cedido a Secretaria Municipal de Saúde pela Companhia habitacional – COHAB .

2 – Náo possui denominação oficial.

3 – Não constitui homonimea.

4 – Localiza-se na Av. Arq. Vilanova Artigas nº 1700 – Jardim Sapopemba.

S.P.- 22 – janeiro – 1998

MARIA ELI C. BRUNO
ASPLAN – CAS
SMS/GAB

Folha N.o 28 do proc.
N.o 930 de 1998
O funcionário

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

Folha de informação nº 08

d ..... nº ..... em 22/01/98 (a)

MARISA CRISTINA ANDRADE
RF. 673.804.4.00 - SMS.G

PROCESSO 1997 – 0.247.829-4

SGM/ATL 60.11.20.030
Sra. Assessora

Encaminhamos o presente a V.Sa. com as informações exaradas pelas Área Técnica competente desta Pasta.

22/janeiro/1.998.

NELSON MARTINS PINTO
Chefe de Gabinete
SMS

ST/mca

MOD. 014-DGM

CAMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

SEGUE, Juntado nesta data [Papel para lançamento de documento], rubricado sob folha n.º 29 /1998 98 a)

PUBLIQUE-SE EM 18/8/98

Folha Nº 14 do Proc. EM
Nº 910 do 1998
Funcionário

Câmara Municipal de São Paulo

16 - PAR
16-1148/1998

DA COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA SOBRE O PROJETO DE LEI Nº 0910/97.

Projeto de lei, de autoria do Nobre Vereador Carlos Néder, visa denominar "Herbert de Souza - Betinho" o Centro de Referência de Doenças Sexualmente Transmissíveis e AIDS - CRDST/AIDS de Sapopemba.
Esta Comissão, a fim de se manifestar sobre o projeto de lei, solicitou o envio, ao Executivo, de um ofício contendo um pedido de informações sobre o próprio.
Com base nas informações enviadas pelo Executivo, o projeto pode prosseguir.
Por se tratar de matéria sujeita ao quórum de maioria simples para deliberação, é dispensada a votação em Plenário, cabendo tal prerrogativa às Comissões Permanentes, na forma do art. 46, X, do Regimento Interno desta Casa.
A proposta ampara-se nos arts. 13, I e XVII, da Lei Orgânica do Município.

PELA LEGALIDADE.

RELATOR

Sala da Comissão de Constituição e Justiça, 18/8/98.

17 - RELCOM
17-0528/1998

dg/p10910-7

À Douta Comissão de
Educação, Cultura e Esportes
Em, 19/8/1992

CARLOS ROBERTO DA SILVA - RF 11.130
Auxiliar Legislativo

Recebido na Comissão de
Educ. Cult. e Esportes
Em 19/8/92 as 17:00 h.

Marcos Antonio Silva
Secretario
Reg. 10833

AO NOBRE VEREADOR Italo Cardoso
PARA RELATAR.
SALA DA COMISSÃO DE EDUCAÇÃO, CULTURA E ESPORTES.

19 / 8 / 92

PRESIDENTE

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
Os folhas, juntadas nesta data para as informações devidamente rubricadas sob
folhas de nº 25/11/9/92 a)

Folha n.o 29 do proc.
N.o 910 de 19 97
O funcionário

Câmara Municipal de São Paulo

16 - PAR
16-1374/1998

DA COMISSÃO DE EDUCAÇÃO, CULTURA E ESPORTES SOBRE O PROJETO DE LEI Nº 910/97

Tendo por autor o nobre Vereador Carlos Neder, a propositura em exame tem por finalidade dar o nome de Herbert de Souza - Betinho - ao Centro de Referência de Doenças Sexualmente Transmissíveis e AIDS de Sapopemba.

Há parecer, pela legalidade, da douta Comissão de Constituição e Justiça (fls. 29), após ter a mesma recebido as informações que solicitara ao Executivo.

No âmbito da competência desta Comissão, do mérito e do interesse público que devemos analisar, entendemos que a propositura em epígrafe deva receber a nossa aprovação, haja vista que se trata de prestar uma homenagem a pessoa que, em vida, foi um exemplo de abnegação e luta. Mesmo com a síndrome, adquirida em uma das inúmeras transfusões de sangue que era obrigado a se submeter em razão de sua hemofilia, jamais esmoreceu. Pelo contrário, foi sempre um militante em defesa da cidadania, tendo idealizado a Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida, que se tornou popularmente conhecida em todo o Brasil como a "Campanha do Betinho contra a fome".

Para que seu nome seja sempre lembrado e seu exemplo de dedicação e luta jamais seja esquecido, consideramos plenamente justificada a intenção do ilustre Autor de conferir o seu nome a esse centro público de referência de doenças sexualmente transmissíveis e AIDS, pois que, desse modo, tanto o cidadão comum quanto as autoridades o terão sempre como símbolo nessa luta que deve ser de todos contra a miséria e a doença e pela vida.

Pelo exposto, o nosso parecer não poderia deixar de ser favorável à matéria enfocada.

Sala da Comissão de Educação, Cultura e Esportes, 14/9/98.

Presidente

Relator

Ana Maria Quadros

17 - RELCOM
17-6195/1998

À Douta Comissão de
Finanças e Orçamento
Em,____/____/____ Marcos Antonio Silva
Secretário
Reg. 10833

Recebido na Comissão de
Finanças e Orçamento
Em 25/09/98 as 10:00 h.
ISABEL P. S. HANASHIRO
Of. Adm. Geral III

Nobre Vereador HANNA GHARIB
designado relator.
Sala da Comissão de Finanças e Orçamento
25/09/98.
Presidente

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SEGUE(M) juntado(s) nesta data documento(s) rubr.
exado(s) sob n.º 31 e fôlha de informação sob
n.º 06/10/98 a (
ISABEL P. S. HANASHIRO
Of. Adm. Geral III

Folha n.º 31 do proc.
n.º 910 de 19 97
o funcionário

Câmara Municipal de São Paulo

16 - PAR
16-1696/1998

DA COMISSÃO DE FINANÇAS E ORÇAMENTO SOBRE O PROJETO DE LEI Nº 910/97

PUBLIQUE-SE EM
17/11/98

O presente projeto de lei, de autoria do nobre Vereador Carlos Neder, visa denominar "Herbert de Souza - Betinho" o Centro de Referência de Doenças Sexualmente Transmissíveis e AIDS - CRDST/AIDS de Sapopemba.

Quanto ao aspecto financeiro, nada há a opor, porquanto as despesas para sua execução correrão por conta de dotações orçamentárias próprias.

RECEBIDO EM LEG.

Sala da Comissão de Finanças e ~~Orçamento~~, em 06/10/98

Presidente -

Relator -

17 - RELCOM
17-2363/1998

Publicação de Matéria de Deliberação Pelas Comissões:

Pareceres (fls 29, 30, 31)
publicados no D O M. de 19/11/98,
página (s) 35/36, coluna 3ª/1ª,
conforme art. 82, § 1º., do R.I.
Conferido:

À Leg. 3
Em, 19/11/98

ISABEL P S. HANASHIRO
Of. Adm. Geral III

RECEBIDO EM LEG. 3
19/11/98
16:00 h

Sra.Kathya,

Preparar ofício encaminhando cópia autêntica ao Executivo, preparar carta de lei e registro.

01/12/98

JOSÉ CRISTINO SOUZA SANTOS
Chefe de Seção Técnica III
Substituto

Sr. Chefe,

Preparados os documentos conforme despacho de V.Sa.

01/12/98

KATHYA REGINA MORALES DE SOUZA
Assistente Parlamentar

SEGUE —, juntado —, nesta data
documento —, papel de informação
rubricado — sob folha(s) — no. 32/36
Em 21/12/98

Folha nº. 32 do proc.
nº. 910 de 19 97

Câmara Municipal de São Paulo

São Paulo, 03 de dezembro de 1998.

18 - OF-LEG3
OFICIO N.0976/1998

Senhor Prefeito.

Encaminho a Vossa Excelência cópia autêntica da lei aprovada pela Câmara em 01 de dezembro do corrente, de acordo com o inciso I do art. 84 do Regimento Interno, relativa ao Projeto de Lei nº 910/97, de autoria do Vereador Carlos Neder - dando denominação ao Centro de Referência de Doenças Sexualmente Transmissíveis e AIDS - CRDST/AIDS de Sapopemba.

Valho-me da oportunidade para renovar a Vossa Excelência os meus protestos de elevado apreço e distinta consideração.

NELO RODOLFO
Presidente

A Sua Excelência o Senhor
Doutor Celso Roberto Pitta
Digníssimo Prefeito do Município de São Paulo.

krms

18 - OF-LEG3
OFICIO N.0976/1998

Folha nº. 33 do proc.
nº. 910 de 19 97

Câmara Municipal de São Paulo

----------Cópia autêntica. LEI DECRETADA NOS TERMOS DO INCISO I DO ARTIGO 84 DO REGIMENTO INTERNO. Cópia extraída de fls. 01 do Processo. (PROJETO DE LEI Nº 910/97). (Ver. Carlos Neder). Dá denominação ao Centro de Referência de Doenças Sexualmente Transmissíveis e AIDS - CRDST/AIDS de Sapopemba. A CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO decreta: Art. 1º - Passa a denominar-se "Herbert de Souza - Betinho" o Centro de Referência de Doenças Sexualmente Transmissíveis e AIDS - CRDST/AIDS de Sapopemba. Art. 2º - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação. Eu, KATHYA LUCIA MORALES DE SOUZA Assistente Parlamentar padrão "QPA-5-A" extraí a presente cópia fielmente de fls. do livro competente nº 50 e digitei. Eu, SORAIA LÚCIA FERREIRA BARBOSA Assistente Técnico de Direção I Assistente Técnico de Direção padrão "QPA-13-D" a conferi. São Paulo, 01 de dezembro de 1998. Chefe da Seção Técnica de Preparo e Registro de Documentos Legislativos, JOSÉ CRISTINO SOUZA SANTOS Chefe de Seção Técnica III Substituto Visto, LEILA MARIA MACHADO Diretora do Departamento dos Serviços Legislativos da Câmara Municipal de São Paulo.- Diretor Téc. de Departamento

aa) Nelo Rodolfo; José Índio Ferreira do Nascimento; Antonio Goulart; Ana Maria Quadros; Natalício Bezerra; Jorge Taba; Maria Helena

krms

Folha nº. 34 do proc.
nº. 910 de 1997

Câmara Municipal de São Paulo

LEI Nº DE DE DE 19 .

Dá denominação ao Centro de Referência de Doenças Sexualmente Transmissíveis e AIDS - CRDST/AIDS de Sapopemba.

Faço saber que a Câmara nos termos do inciso I, do art. 84 do Regimento Interno, decretou a seguinte lei:

Art. 1º - Passa a denominar-se "Herbert de Souza - Betinho" o Centro de Referência de Doenças Sexualmente Transmissíveis e AIDS - CRDST/AIDS de Sapopemba.

Art. 2º - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Câmara Municipal de São Paulo, 01 de dezembro de 1998.

O Presidente,

krms

Folha nº 35
nº 910 de 1997

Câmara Municipal de São Paulo

São Paulo, 03 de dezembro de 1998.

Recebi ofício Leg.3 nº **976/98** , de **03/12/98** , encaminhando ao Executivo cópia autêntica de lei decretada pela Câmara, relativa ao Projeto de Lei nº **910/97** , de autoria **do Vereador Carlos Neder (inciso I do art. 84 do R.I.).**

Anexo:

RECEBI EM:
10/12/98
Eliene C. Pinha
Oficial de Gabinete
SGM/ATL

CÓD. 0553

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Papel para informação, rubricado como folha nº 436

do processo nº 910 de 19 97 21 / 12 / 98 (a)

KATHYA REGINA MORALES DE SOUZA
Assistente Parlamentar

LEI Nº 12.760, 18 DE DEZEMBRO DE 1998

(Projeto de Lei nº 910/97, do Vereador Carlos Neder - PT)

Dá denominação ao Centro de Referência de Doenças Sexualmente Transmissíveis e AIDS - CRDST/AIDS de Sapopemba.

CELSO PITTA, Prefeito do Município de São Paulo, usando das atribuições que lhe são conferidas por lei.

Faz saber que, nos termos do disposto no inciso I do artigo 84 da Resolução nº 02/91, a Câmara Municipal de São Paulo decretou e eu promulgo a seguinte lei:

Art. 1º - Passa a denominar-se "Herbert de Souza - Betinho" o Centro de Referência de Doenças Sexualmente Transmissíveis e AIDS - CRDST/AIDS de Sapopemba.

Art. 2º - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, aos 18 de dezembro de 1998, 445º da fundação de São Paulo.

CELSO PITTA, PREFEITO

EDVALDO PEREIRA DE BRITO, Secretário dos Negócios Jurídicos

JOSÉ ANTONIO DE FREITAS, Secretário das Finanças

JORGE ROBERTO PAGURA, Secretário Municipal da Saúde

Publicada na Secretaria do Governo Municipal, em 18 de dezembro de 1998.

CARLOS AUGUSTO MEINBERG, Secretário do Governo Municipal

Publicado no DIARIO OFICIAL
de 19 / 12 / 1998
página 1 coluna 1ª
Conferido: Nelson

CÓD. 0233

Ao DT. 94 - Senhora Chefe,

Para as devidas providências.

30/12/98

JOSÉ CRISTINO SOUZA SANTOS
Chefe de Seção Técnica III
Substituto

Observação:
Duas fls nº29; e Duas fls nº 29 saltou p/a fl. nº31.
DT. 94, em 05-01-99

MSA ANGELICA MARIA GUMAUSKAS
Documentalista

DEPARTAMENTO
DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO
SEÇÃO TÉCNICA DE ARQUIVO

Proc. encerrado c/ #36# fls.

Arquivo em 05-jan-99

O Func.º

MSA ANGELICA MARIA GUMAUSKAS
Documentalista

SEGUE ..... juntado ..... nesta data, ... documento ..... e papel para informação, rubricado .....

sob folha ..... nº .....

Em ...../...../.....

(a).....

PROJETO DE LEI 725/1997 (DETALHADO) 02/10/97-11.52.35

Ementa: DENOMINA PRAÇA HERBERT DE SOUZA-BETINHO, O LOGRADOURO PUBLICO SITUADO EM CANGAIBA, E DA OUTRAS PROVIDÊNCIAS

Autor(es):
. Vereador(a) VICENTE VISCOME (PPB)

Apresentado em....: 12/08/1997
Autuado em.....: 12/08/1997-Processo 01-725/1997
Leitura.....: 12/08/1997, na Sessao Ordinaria 62, Legislatura 12-1
Publicado.....: no D.O.M. em 14/08/1997, pagina 46, coluna 2

Palavra(s) chave(s): ADMINISTRACAO REGIONAL DA PENHA / AGUAPE (RUA) / CANGAIBA / CHACARA CRUZEIRO DO SUL / DENOMINACAO / FIRMIANO CARDOSO (RUA) / HERBERT DE SOUSA - BETINHO (PRACA) / LOGRADOURO PUBLICO / PRACA PUBLICA / VICENTE DE SOUSA BARROS (RUA).

TRAMITACAO:

Sigla da Area CMSP	Recebimento Data	Recebimento Hora	Encaminhamento Data	Encaminhamento Hora
ATM	12/08/1997		19/08/1997	17:40
JUST	21/08/1997	12:08	15/09/1997	13:18
LEG3	15/09/1997	13:33	25/09/1997	15:48
JUST	25/09/1997	16:32		

Comissao(oes) designadas em 12/08/1997:
CONSTITUICAO E JUSTICA - JUST
POLITICA URBANA,METROPOLITANA,MEIO AMB. - URB
EDUCACAO, CULTURA E ESPORTES - EDUC
FINANCAS E ORCAMENTO - FIN

COMISSAO DE CONSTITUICAO E JUSTICA - JUST

PL recebido(a) em .....: 20/08/1997
Prazo regimental .....: 04/09/1997
Relator .....: Vereador(a) AURELIO NOMURA (PSDB)
Designado em .....: 20/08/1997

Prazo prorrogado de 09/09/1997 ate 09/10/1997 devido informacoes do executivo.

=>Oficio CMSP 643/1997 de 17/09/1997, SOLICITA INFORMACOES SOBRE PROJETOS com prazo para resposta de 30 dias, enviado para PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO - PMSP

..Vereador(a) SALIM CURIATI (PPB)

Relatorio 421/1997 transformado em PARECER (LEGALIDADE) nro. 900/1997 em 02/09/1997.

PL liberado pela Comissao JUST em 02/09/1997.

PROJETO DE LEI 733/1997 (DETALHADO) 02/10/97-11.52.02

Ementa: INSTITUI O DIA MUNICIPAL DA CIDADANIA CONTRA A MISE-
RIA E PELA VIDA, E DA OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

Autor(es):
. Vereador(a) JOSE EDUARDO MARTINS CARDOZO (PT)

Apresentado em....: 12/08/1997
Autuado em.....: 12/08/1997-Processo 01-733/1997
Leitura.....: 12/08/1997, na Sessao Ordinaria 62, Legislatura 12-1
Publicado.....: no D.O.M. em 14/08/1997, pagina 47, coluna 1

Palavra(s) chave(s): ACAO DA CIDADANIA CONTRA A MISERIA E PELA VIDA / ACAO SOCIAL / CALENDARIO OFICIAL DE EVENTOS / CAMPANHA / DATA COMEMORATIVA / DIA MUNICIPAL DA ACAO DA CIDADANIA CONTRA MISERIA / FOME / HERBERT DE SOUSA / ONG.

TRAMITACAO:

Sigla da Area CMSP	Recebimento Data	Recebimento Hora	Encaminhamento Data	Encaminhamento Hora
ATM	12/08/1997		18/08/1997	13:44
JUST	18/08/1997	18:26	04/09/1997	15:54
EDUC				

Comissao(oes) designadas em 12/08/1997:
CONSTITUICAO E JUSTICA - JUST
EDUCACAO, CULTURA E ESPORTES - EDUC
FINANCAS E ORCAMENTO - FIN

COMISSAO DE CONSTITUICAO E JUSTICA - JUST

PL recebido(a) em .....: 18/08/1997
Prazo regimental .....: 02/09/1997
Relator .....: Vereador(a) SALIM CURIATI (PPB)
Designado em .....: 18/08/1997

RELATORIO nro. 421/1997 --) PARECER nro. 900/1997

Apresentado em....: 02/09/1997
Autor(a).....: Vereador(a) SALIM CURIATI (PPB)
Conclusao.....: LEGALIDADE

VOTO A FAVOR:
..Vereador(a) WADIH MUTRAN (PPB)
..Vereador(a) ARSELINO TATTO (PT)
..Vereador(a) BRUNO FEDER (PPB)
..Vereador(a) AURELIO NOMURA (PSDB)